

# O ENSINO RELIGIOSO, A CULTURA DIGITAL E O DESAFIO DA SUPERAÇÃO DO RACISMO NAS ESCOLAS DA GRE MATA NORTE EM PERNAMBUCO

---

## CONSTANTINO JOSÉ BEZERRA DE MELO

Sociólogo, psicólogo, mestre e doutor em Ciências da Religião. Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco – GRE Recife Norte, [constantinomelo2015@gmail.com](mailto:constantinomelo2015@gmail.com);

## MARIA APARECIDA FERREIRA DA SILVA

Professora de língua portuguesa, mestra em linguística. Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco – GRE Mata Norte, [cidafs7@hotmail.com](mailto:cidafs7@hotmail.com).

## RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar os desafios enfrentados na formação continuada remota de professores do Ensino Religioso, durante a pandemia do corona vírus, no tocante ao enfrentamento do racismo na escola, conforme previsto nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e seus documentos regulatórios que tratam da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Em março de 2020, a pandemia do corona vírus, no Brasil, promoveu a suspensão das aulas presenciais nas escolas estaduais. A Gerência Regional de Educação da Mata Norte de Pernambuco possui 20 escolas, ofertando o Ensino Religioso, contando com 34 professores. A formação sobre a temática em tela foi realizada com base na Pedagogia Crítica de Paulo Freire através da plataforma Google Meet. Na primeira fase, foi montado um quadro a partir da ferramenta digital Padlet, no qual os professores respondiam uma questão motivadora para debater na formação. Na segunda fase, realizamos uma roda de diálogo virtual, na qual problematizamos a temática História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, propondo desafios e atividades de superação do racismo, na realização do Dia da Consciência Negra, em formato remoto. A última fase constou do acompanhamento das culminâncias dos trabalhos nas escolas. Como resultado do processo de formação de professores, verificamos o empenho de estudantes e professores no debate sobre o racismo no Dia da Consciência Negra, valorizando a história e cultura afro-brasileira e indígena na produção de conhecimentos em tempos de cultura digital e ensino remoto frente à pandemia do corona vírus.

**Palavras-chave:** Formação de Professores, Ensino Religioso, Racismo.

## INTRODUÇÃO

A Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco é formada por uma rede de 16 gerências regionais. A Gerência Regional de Educação - GRE Mata Norte está localizada na cidade de Nazaré da Mata, possui sob sua jurisdição uma rede de 62 escolas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Em 2020, essa Gerência, na etapa do Ensino Fundamental, contava com 25 escolas, das quais 20 ofertavam o Ensino Religioso, e possuía o quantitativo de 36 professores.

O Ensino Religioso é um componente curricular de oferta obrigatória, integrante do Ensino Fundamental e, para tanto, é importante considerar a necessidade de investimento na formação continuada dos professores. Nessa perspectiva, no mês de outubro de 2020, participamos de uma formação continuada, com os técnicos de Ensino Religioso de todas as gerências regionais do estado, promovida pela Gerência de Políticas Públicas dos Anos Finais do Ensino Fundamental-GEPAF, setor da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, gerenciada pela prof<sup>a</sup>. Shriley Malta. O tema proposto para o mencionado estudo, junto aos professores de Ensino Religioso, foi “História e Cultura Afro-Brasileira”, com o objetivo de planejar e refletir sobre as atividades para o Dia da Consciência Negra, nas escolas, diante dos desafios impostos pelo distanciamento social, durante a crise sanitária mundial do corona vírus.

O jurista Hélio Silva Junior (2015) afirma que o racismo brasileiro é um fenômeno social que revela uma forte natureza de intolerância religiosa/racial. Corroborando com este pensamento, a historiadora Lilia Moritz Schwarcz (2001, p. 32) verifica que o “[...] racismo brasileiro constitui uma espécie de discurso costumeiro”, e durante anos foi sendo repostado tanto por meio da ciência, como também pelo senso comum.

Encontramos na Base Nacional Comum Curricular (2017) orientações norteadoras dos currículos e propostas pedagógicas para os sistemas e redes de ensino do Brasil. A pandemia do corona vírus impulsionou o trabalho emergencial com a competência geral de número cinco que estimula os estudantes para:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p. 11).

O momento presente é de desconstrução e superação do racismo na escola tanto quanto na família, na comunidade e no Brasil. Nada mais oportuno, em meio ao ensino remoto, do que mobilizar os professores por meio da cultura digital para debater o racismo e a intolerância religiosa com os estudantes no Dia da Consciência Negra.

Para essa ação educativa, contamos com a representação da GEPAF e da GRE Recife Norte, com o Prof. Constantino Melo, e da GRE Mata Norte, com a Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida.

Nessa parceria, utilizando a plataforma Google Meet, realizamos a formação com os professores de Ensino Religioso, no dia 12.09.2020. Tal iniciativa contou com a participação de 53 professores, representando municípios da Região da Zona da Mata Norte, a saber: Aliança, Buenos Aires, Carpina, Goiana, Itaquitanga, Itambé, Macaparana, Nazaré da Mata, Paudalho, São Vicente Férrer, Timbaúba, Tracunhaém e Vicência.

Com a pandemia do corona vírus, as secretarias de educação adotaram as medidas de suspensão das aulas presenciais como medida de proteção sanitária e o estabelecimento do distanciamento social, recomendado pelo Ministério da Saúde. A implementação das aulas remotas nas redes de ensino, nos levou a pensar novas possibilidades de convidar os professores para vivenciarem o “Dia da Consciência Negra”, junto aos estudantes, optando, assim, pela realização de uma ação educativa pautada na valorização da produção de conhecimento, de forma digital, nas escolas.

Concordamos com a assertiva de Paulo Freire (2005, p.14) quando diz que “o mundo é espetáculo, mas sobretudo convocação”. Em tempos de racismos diversos, talvez o grande desafio da educação no nosso país, seja sensibilizar os professores e os estudantes para a pesquisa e o debate sobre as relações étnico-raciais na escola e na sociedade. Convidar os estudantes para apresentar “o seu pensar” se fez urgente e necessário. A palavra dita, escrita ou gravada, pode anunciar as tensões da realidade social e instaurar com um pensar crítico um novo mundo emancipador, justo, democrático e libertador (FREIRE, 2005).

## METODOLOGIA

A formação continuada no formato remoto para os professores de Ensino Religioso foi destinada aos docentes que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, ou seja, às turmas do 6º ao 9º ano das escolas da GRE Mata Norte. Foram convidados para essa ação educativa técnicos e professores

de secretarias municipais, uma vez que a GRE Mata Norte realiza parcerias de formação profissional entre a rede estadual e as redes municipais sob sua jurisdição. Essa ação foi baseada nas 10 competências gerais propostas na Base Nacional Comum Curricular (2017) e no Currículo de Pernambuco (2018).

Compreendemos a educação enquanto “ser projeto”, um movimento de pesquisa e ensino dialógico e permanente, crítico, criativo, ousado, marcado por uma pedagogia que construa autonomia, criticidade, liberdade e esperança. Paulo Freire (2007) tanto quanto Marcos Bagno (1998, p. 21) defendem que os professores devem estimular o exercício constante da investigação científica na escola, pois a pesquisa é “[...] uma coisa muito séria. Não podemos tratá-la com indiferença, menosprezo ou pouco caso na escola”.

Como orienta a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2006), a Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2020), o Parecer CNE/CP 003/2004 (BRASIL, 2006), a Resolução nº 1/2004 (BRASIL, 2006) e o documento de Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2006), devemos abordar a “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” dentro de uma perspectiva voltada para uma leitura crítica da realidade social, apresentando esses povos como geradores de movimentos de resistência e de luta pela liberdade. Cabe à escola defender a bandeira de uma educação problematizadora, dialógica e antirracista, uma vez que “o diálogo não impõe, não domestica, não sloganiza” (FREIRE, 2005, p. 193).

Nas reuniões de planejamento da pauta formativa, a professora Maria Aparecida sugeriu o uso do Padlet, pois seria uma primeira forma de experimentar essa ferramenta digital com os professores de Ensino Religioso. Dessa forma, evidencia a importância da cultura digital, pois como afirmam os pesquisadores Dudeney, Hoclye Pegrum (2016), os letramentos digitais são habilidades individuais e sociais construídas para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido, sendo indispensáveis nos canais de comunicação digital.

Nessa perspectiva, o Padlet foi utilizado com o objetivo de estabelecer um contato prévio com os professores por meio do registro das reflexões em um mural virtual. Assim, compreendemos as primeiras impressões dos docentes sobre a formação continuada, no tocante às concepções acerca do componente curricular/área de conhecimento Ensino Religioso. A partir dessas informações prévias, pudemos reorganizar o planejamento da formação e reforçar o trabalho pedagógico, visando a quebra de paradigmas equivocados que tanto comprometem a abordagem das relações étnico-raciais

na sociedade, com o foco na temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Ao usar essa ferramenta digital para manter uma interação mais instigante com os docentes, pensamos na apresentação de um texto leve e curto, mas que trouxesse uma reflexão significativa sobre o tema. Para tanto, propusemos, no Padlet, a leitura de uma tirinha do Personagem Armandinho. O “Menino do cabelo azul”, criado pelo agrônomo, publicitário e ilustrador Alexandre Beck, que ganhou grande notoriedade nas redes sociais, por sempre problematizar questões ambientais e, principalmente, abordagens voltadas para os direitos humanos. Vejamos abaixo a tirinha proposta:

**Figura 1 – Tirinha de Armandinho, ilustrador Alexandre Beck**



Fonte: (BECK, 2020).

Apresentada a tirinha acima, lançamos o seguinte questionamento: “Como o Ensino Religioso pode contribuir para a desconstrução de mitos e estereótipos que prejudicam as relações sociais?”.

Além dos objetivos já apontados na formação continuada, para o uso da ferramenta Padlet, esse investimento se efetivou como mais uma possibilidade para o trabalho pedagógico dos professores junto aos seus estudantes, uma vez que, se a escola investe nas atividades de leitura e escrita, é imperativo que também invista no letramento digital dos estudantes (DUDENEY, HOCLY e PEGRUM, 2016).

Consideramos, ainda, que o uso do mural virtual, através da ferramenta Padlet, poderia proporcionar aos professores compreender os pontos de vista dos estudantes sobre os assuntos discutidos, bem como ajudar os próprios estudantes a compararem os diversos pontos de vista apresentados pelos colegas da turma. Dessa forma, o bom uso da ferramenta, nessa perspectiva, poderá ser um significativo aliado para o fortalecimento da Competência 7, da BNCC, que trata da argumentação:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (BRASIL, 2017, p. 11).

Enfim, compreendemos que o uso do Padlet oferece a possibilidade da criação e organização de atividades criativas e dinâmicas junto aos estudantes, harmonizando textos, imagens, vídeos, áudios e *links* que podem muito contribuir para o fortalecimento do processo de ensino e da aprendizagem.

Durante a formação continuada, foi realizada uma roda de diálogos com os professores, na qual destacamos os seguintes pontos na pauta formativa:

- A obrigatoriedade e importância da vivência do Dia da Consciência Negra no calendário escolar, conforme Lei 10.639/2003;
- A desconstrução do mito da democracia racial;
- A importância da pesquisa escolar e do debate sobre o racismo no Brasil;
- O trabalho pedagógico sobre a tolerância religiosa e o diálogo inter-religioso, como pressupostos éticos para cotidiano escolar;
- As religiões afro-brasileiras e as religiões indígenas;
- A problematização do conhecimento sobre os povos indígenas e a população negra no Brasil.
- A organização dos povos quilombolas e povos indígenas no Brasil e em Pernambuco. Apresentação dos dados do Censo Demográfico de 2010.

Compreendendo a possibilidade do trabalho com a variedade de gêneros textuais que expressam as atividades humanas (BAKHITIN, 2000), bem como da exploração de recursos audiovisuais variados, propusemos aos professores sugestões de produções a serem desenvolvidas pelos estudantes, a fim de que eles pudessem expressar seus conhecimentos por meio de desenhos e fotografias, releitura de obras de arte, produção de vídeos, podcast, paródias, dramatizações, produção de poemas e narrativas, montagem de painéis, dentre outras possibilidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os professores interagiram ativamente com o questionamento proposto, no Padlet: “Como o Ensino Religioso pode contribuir para a desconstrução dos mitos e estereótipos que prejudicam as relações sociais?” Foram 36 participações que versaram sobre a necessidade do estudo e da pesquisa das religiões de forma ampla e tendo com base as Ciências da Religião, principalmente, sensibilizando o estudante para necessidade da tolerância religiosa e do diálogo inter-religioso.

A pesquisa enquanto fundamento indispensável para prática pedagógica do professor (FREIRE, 2007) aparece na resposta da Professora A: “Precisamos estudar com base na reflexão crítica, a fim de desnudarmos falsas verdades, preconceitos e a alienação”. Em outra argumentação, a educação e o ensino religioso são apresentados como possibilidades de mudanças na sociedade, conforme as palavras da professora Gizele Massa: “O ensino religioso poderá contribuir para desmistificar mitos e estereótipos, quando estudar e refletir a organização religiosa como reguladora ou reprodutora da sociedade”.

A filósofa Djamila Ribeiro (2019) indica, no livro *Pequeno Manual Antirracista*, a necessidade da quebra da “falta de reflexão” sobre como se formou o sistema de discriminação racial no Brasil. A estrutura racista do Brasil favorece às crianças brancas a formação do processo de identidade e joga milhões de crianças negras em micro situações de violências cotidianas na escola e na sociedade. A invisibilidade no cotidiano escolar e a indiferença com a História e Cultura Afro-brasileira e Indígena é prejudicial para uma mudança de mentalidade na educação para as relações étnico-raciais. Na escola, Djamila conheceu o “não-lugar”, a invisibilidade:

Ser a diferente – o que quer dizer não branca – passou a ser apontado como um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida. Como diz a pesquisadora Joice Berth: “Não me descobri negra, fui acusada de sê-la”.

O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu. Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas [...] (RIBEIRO, 2019, p. 24).



Na pauta formativa apresentada para os professores do Ensino Religioso, tivemos o cuidado de incluir os quilombolas e os indígenas da região da zona da Mata Norte de Pernambuco. Nós, professores, não podemos continuar a invisibilizar os registros da presença do processo escravocrata na região. Há populações quilombolas nas cidades de: Goiana e Vicência. Encontramos, segundo o censo do IBGE (2010), a autodeclaração indígena de uma população nas cidades de Paudalho – 22; Nazaré da Mata – 15, Itambé 12, Vicência - 02, Goiana – 65, Lagoa do Carro – 09, Itaquitinga – 06, Buenos Aires – 03, Camutanga – 02, Condado 2 - Timbaúba 75 e Carpina 85.

Pensando em facilitar a análise, segue uma mostra de 10 trabalhos apresentados por estudantes do Ensino Fundamental, como resultado da atividade de Ensino Religioso proposto para o Dia da Consciência Negra, em várias escolas da GRE Nazaré da Mata. Como protagonistas, os estudantes demonstraram a orientação recebida para o exercício da pesquisa, como também a competência para a produção e uso da tecnologia digital da informação na composição de vídeos elaborados com o uso de vários gêneros textuais ou a combinação deles.

**Quadro 1** – Trabalhos em vídeos apresentados por estudantes das escolas do Ensino Fundamental da Gerência Regional de Educação de Nazaré da Mata, PE, 2020.

Escola Antônio Coutinho	Estudante - Turma	Tema	Fonte de pesquisa
Antônio Coutinho	Maria Tereza 7A	Questões raciais!	Autoral
Brigadeiro Eduardo Gomes	Francisco Pereira 8 A	Recital de poesia	Poema: Negro Forro, Adão Ventura. Poema: Encontrei minhas origens, Oliveira Silveira.
Brigadeiro Eduardo Gomes	Janielle Maria 8 A	Racismo	MakotaValdina Morgan Freeman Luther King Talib Kweli
Capitão Plínio Souza Monteiro	Elisa Emanuela	Recital de Poesia	Poema: Respeito e Diversidade Bráulio Bessa
Coronel José Pinto de Abreu	Maria Vitória 6 A	O que é consciência negra: Zumbi dos Palmares	Lei 12.519/2001
Lions Club de Carpina	Lucas Gomes de Amorim 9 A	Poema: Respeito	Autoral

Escola Antônio Coutinho	Estudante - Turma	Tema	Fonte de pesquisa
Antônio Coutinho	Maria Tereza 7A	Questões raciais!	Autoral
São José	Marievin 8 D	Diga não ao racismo!	Poema: Sou Negro Solano Trindade
Brigadeiro Eduardo Gomes	Alice - 7 B	Gravação de música	Canto das três raças Paulo César
Escola de Aplicação	Raíssa	Zumbi dos Palmares	Historiador Décio Freitas
Escola de Aplicação	Eloísa Vitória	Dandara dos Palmares	Narrativas históricas

**Fonte:** Arquivo da CGDE, GRE Nazaré da Mata, 2020.

Os trabalhos apresentados corroboram com o pensamento do psicólogo Fernando González Rey (2007), ao defender que o papel da escola vai além de uma aprendizagem tradicional, mecânica e memorística que embota a emergência do sujeito. O “desenvolvimento escolar” deve ser o objetivo da escola e, por isso, os professores devem lançar mão da construção de um processo de aprendizagem personalizado e criativo, que seja sinônimo de desenvolvimento.

A partir do desafio lançado pela professora de Ensino Religioso, da Escola Antônio Coutinho, a estudante pesquisou e refletiu sobre o racismo e preparou um vídeo curto de conscientização, valorização e debate do Dia da Consciência Negra na escola. Maria Tereza anunciou a sua palavra sobre o mundo dizendo:

Sou Maria Tereza do 7 ano da Escola Antônio Coutinho e venho falar sobre a questão racial. Todas as pessoas são dignas de respeito! Não importa a cor, sexo, idade, cultura, raça, religião, classe social, condição de saúde, identidade de gênero ou grau de instrução. Diga não ao racismo!

Na perspectiva da “emergência do sujeito” proposto por Fernando Rey (2007), a estudante Maria Tereza produziu o seu próprio conhecimento. O vídeo intitulado “Questão racial” é criativo e autoral e demonstra uma prática da aprendizagem reflexiva e crítica. Filmado em apenas 28 segundos, a estudante utilizou uma câmera de celular, tendo como cenário a parede da pequena sala de casa, e ainda elaborou um cartaz feito em uma cartolina branca, contendo a frase “Questão racial”, expressa através do desenho de uma mão direita, pintada na cor preta.

Como apresentado, no caso da estudante Maria Tereza, observa-se, então, que o exercício da competência da cultura digital é possível e precisa

ser estimulado nas escolas e, principalmente, apoiado por políticas públicas das Secretarias de Educação, investindo na instrumentalização e formação de professores e acesso aos meios digitais, com conectividade e insumos apropriados para os estudantes e toda a comunidade escolar.

Como resultado do processo formativo com os professores do Ensino Religioso, observamos o rebatimento da temática abordada, nas produções críticas dos vídeos realizados pelos estudantes. Isso comprova que estimular a problematização da “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena” foi indispensável para que os professores compreendessem a necessidade de superar o fenômeno da invisibilidade ou o apagão das diversas narrativas históricas dos povos brasileiros. Tal afirmação é compatível com o pensamento da escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2019), ao combater a falácia da história única, pois um único povo, uma única narrativa pode embotar e prejudicar a existência de milhares de etnias.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

[...] quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso (ADICHIE, 2019, p. 33).

Assim, observamos que os diversos trabalhos produzidos pelos estudantes, apresentados no Quadro 1, foram desenvolvidos dentro de uma perspectiva crítica marcada pela pesquisa em fontes históricas confiáveis. Os estudantes mencionaram o historiador Décio Freitas, e também valorizaram outros escritores negros como Machado de Assis e Solano Trindade, e ainda personagens históricos negros (as) como Dandara e Zumbi dos Palmares.

O trabalho interdisciplinar realizado pelos professores de Língua Portuguesa e Ensino Religioso despertou nos estudantes o gosto e a pesquisa pela literatura. Segundo Ferreira Gullar (2009, p. 451) “o poeta desafia o impossível”, no poema anuncia o “indizível”. Um dos poemas escolhidos pela estudante Marievin, da Escola São José, 6º ano D, foi “Ser Negro” do poeta negro recifense Solano Trindade.

*Sou negro  
meus avós foram queimados  
pelo sol da África  
minh'alma recebeu o batismo dos tambores atabaques, gonguês e agogôs*

*Contaram-me que meus avós  
Vieram de Loanda  
Como mercadoria de baixo preço plantaram cana pro senhor do engenho novo  
E fundaram o primeiro Maracatu.*

*Depois meu avô brigou como um danado nas terras de Zumbi  
Era valente como quê  
Na capoeira ou na faca  
Escreveu não leu  
O pau comeu  
Não foi um pai João  
Humilde e manso*

*Mesmo vovó não foi de brincadeira  
Na guerra dos Malês  
Ela se destacou  
Na minh'alma ficou  
O samba  
O batuque  
O bamboleio  
E o desejo de libertação (TRINDADE, 2021)*

No fragmento desse poema, Solano Trindade revela o legítimo poeta de resistência negra, que foi durante toda sua vida. Utilizou a poesia e o teatro como instrumento pedagógico de “descolonização das mentes”, de valorização da identidade do povo negro, como também questionava as estruturas racistas imbricadas na sociedade brasileira. A força da poesia de Solano revela que, apesar do sofrimento e desamparo do processo de escravização dos negros e do racismo estrutural, o poema faz “acender uma luz qualquer, uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus mas que nasce das mãos e do espírito dos homens” (GULLAR, 2009, p. 03). Poesia é resistência!

Destacamos dentre outros trabalhos produzidos pelos estudantes, um recital gravado pelo educando Francisco Pereira, do 8º ano A, da Escola Brigadeiro Eduardo Gomes, que contemplou duas poesias abordando a questão da identidade étnica negra. O primeiro poema foi “Negro forro”, do escritor mineiro premiado Adão Ventura, advogado formado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Enquanto poeta, participou de várias antologias poéticas, possui inúmeros livros publicados abordando os

desafios do “ser negro” no Brasil. O poema “Negro forro” aborda as grandes dificuldades enfrentadas pela população negra após o processo de “abolição”.

*Minha carta de alforria  
Não me deu fazendas,  
Nem dinheiro no banco,  
Nem bigodes retorcidos.*

*Minha carta de alforria  
Costurou meus passos  
Aos corredores da noite  
Na minha pele (VENTURA, 2021).*

O segundo poema escolhido foi “Encontrei minhas origens”, do escritor Oliveira Ferreira da Silveira, poeta gaúcho que dedicou a sua vida à superação do racismo através das palavras. Foi um intelectual negro que participou ativamente de debates, encontros e mobilizações do movimento negro. Dedicou-se à militância política e literária, utilizou a força da poesia contra o preconceito, a discriminação e o racismo, lutou a favor da defesa, do reconhecimento e da valorização da cultura afro-brasileira.

*Encontrei minhas origens  
Em velhos arquivos  
.....livros  
Encontrei  
Em malditos objetos  
Troncos e grilhetas  
Encontrei minhas origens  
No leste  
No mar em imundos tumbeiros  
Encontrei  
Em doces palavras  
.....cantos  
Em furiosos tambores  
.....ritos  
Encontrei minhas origens  
Na cor da minha pele  
Nos lanhos de minha alma  
Em mim  
Em minha gente escura  
Em meus heróis altivos  
Encontrei  
Encontrei-as enfim  
Me encontrei (SILVEIRA, 2021).*

O Ensino Religioso deve utilizar a história e a literatura como instrumentos de ação pedagógica para desconstruir o apagamento e a invisibilidade das diversas narrativas históricas brasileiras. Se para Chimamanda Adichie (2019) a história única “rouba a dignidade das pessoas” porque destrói a historicidade do outro, a única forma de reverter esse processo é lutar pelo reconhecimento, valorização e reparação do protagonismo e das narrativas históricas dos povos negros e indígenas e de outras etnias no nosso Brasil multiétnico e pluricultural.

O psiquiatra Franz Fanon (1980, p. 37), afirmava que o racismo é apenas um dos elementos da “opressão sistematizada de um povo”. O poder e as armas de um governo opressor estão na manipulação dos dispositivos de colonização e controle. Para o pesquisador, a escola e a educação podem contribuir para o processo de descolonização das mentes:

[...] é preciso destruir os seus sistemas de referência. A expropriação, o despojamento, a rapina, o assassinio objetivo, desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais ou, pelo menos, condicionam essa pilhagem. O panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, escravizados (FANON, 1980, p. 37).

As vivências pedagógicas do “Dia da Consciência Negra”, nas escolas da Rede Pública Estadual de Pernambuco possibilitam a pesquisa, a reflexão e o debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Os estudantes são estimulados a exercitarem a elaboração de uma “boa pergunta”, como recomendava Paulo Freire, para buscarem respostas sobre suas inquietações provocadas pelo racismo, pelas diversas intolerâncias e injustiças expressas na ambiência social do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020, com a pandemia do corona vírus, foi desafiador para todos os profissionais da educação. O trabalho em parceria com a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco e as Gerências Regionais de Educação nos fortaleceu e propiciou a junção de forças para elaboração de uma formação continuada de professores de forma remota. As distâncias foram encurtadas com a comunicação por meio das redes sociais e com o uso das plataformas digitais, na tentativa de atender um maior número de profissionais.

Podemos afirmar que uma das dificuldades encontradas no trabalho remoto com os professores e com os estudantes foi a limitação das pessoas quanto ao acesso a equipamentos tecnológicos adequados, como também pela ausência de uma assinatura para conexão de internet segura e contínua, de boa qualidade.

Uma das superações do processo de ensino aprendizagem apresentadas pelos estudantes foi o uso do celular para elaborar vídeos como produção de conhecimento. Porém, urge a necessidade uma política nacional para educação brasileira, de investimentos financeiro e tecnológico na implementação de suporte instrumental, técnico e de curso de formação para o fortalecimento de uma cultura digital efetiva, conforme a orientação da Base Nacional Comum Curricular.

Por fim, frente à pandemia do corona vírus e de todas as dificuldades de acesso aos meios de comunicação, aparelhos e internet, os professores e estudantes mostraram-se protagonistas do novo fazer no ensino remoto, em Pernambuco. A elaboração dos trabalhos dos estudantes baseados na literatura e na poesia dos escritores (as) negros (as) nos revela a importância do trabalho interdisciplinar entre o Ensino Religioso e a Língua Portuguesa. A nova visibilidade e a diversidade de gêneros textuais pesquisados pelos estudantes, apresentaram os (as) negros (as) enquanto protagonistas na história do Brasil. É fundamental a superação de uma narrativa história única, memorística, caduca, baseada em nomes e fatos declinados pelas classes dominantes na escrita histórica.

Consideramos, ainda, que estudar, pesquisar e produzir conhecimentos sobre as relações étnico-sociais é pauta obrigatória no calendário escolar, para superar diversas crises estruturais na sociedade brasileira como o racismo, o machismo, a homofobia e as desigualdades de classes. O compromisso dos profissionais da educação por uma Educação Antirracista é uma demanda profunda das escolas do século XXI!

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BECK, Alexandre. Instagram: @albeck31. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpK1PFWHRS6>. Acesso em: 10 de set. 2020.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Dispõe da inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006, p. 257.

\_\_\_\_\_. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

\_\_\_\_\_. Parecer CNE/CP 003/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, p. 229-252, 2006.

\_\_\_\_\_. Resolução n. 1. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. IN: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, p. 253-256, 2006.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Dispõe da obrigatoriedade no currículo oficial da temática “história e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [www2.camara.leg.br](http://www2.camara.leg.br). Acesso em: 8 de mai. 2020.

DUDENEY, Gavan; HOCKLY, Nickly; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo, Parábola, 2016.

FANON, Franz. **Em defesa da Revolução Africana**. Portugal/Lisboa: Sá da Costa Editora, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco Ensino Fundamental**. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/17691/CURRICULO%20DE%20PERNAMBUCO%20-%20ENSINO%20FUNDAMENTAL.pdf>. Acesso em 31 mar. 2021.

REIS, Adão Ventura Ferreira. **Negro Forro**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjcxMDg2Mw>. Acesso: 18 set. 2021.

REY, Fernando González. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Pubifolha, 2001.

SILVA JUNIOR, Hélio. Notas sobre sistema jurídico e intolerância religiosa no Brasil. In: SILVA, Wagner Gonçalves da. (Org.) **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 303-323, 2015.

SILVEIRA, Oliveira Ferreira da. **Encontrei minhas origens**. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/estante/encontrei-minhas-origens>. Acesso em: 18 de set. 2021.

TRINDADE, Solano. **Ser negro**. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2011/11/18/sou-negro>. Acesso em: 12 jul. 2021.